

Maria Esther Maciel. *Animalidades: Zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023. 176 p.

“Se a literatura não tem que dar, necessariamente, respostas às questões do mundo, ela pode, por certo, provocar novas indagações”, afirma a autora ao final do prólogo, assertiva que traduz de maneira fiel o desenvolvimento acerca dos animais na literatura e a transposição desses seres para a perspectiva humana, sintetizando bem o objetivo central do projeto: buscar dissecar as alteridades assumidas pelo indivíduo, ao representar em uma obra um ser não humano dotado de perspectiva e saberes, fato que, de acordo com a autora, faz com que olhemos muito mais para dentro da condição humana através dos animais do que para as demais espécies.

Publicado em 2023, o trabalho de Maria Esther Maciel se destaca ao trazer para o cenário de estudos literários a maneira como as representações animais na literatura podem dar início a questionamentos éticos, políticos e filosóficos que avançam e trafegam entre os limites de um indivíduo humano e seus companheiros não humanos. Utilizando obras canônicas e autores de renome para compor o *corpus* de sua pesquisa, entre eles Machado de Assis e Clarice Lispector, a autora traça entre eles e a partir deles uma análise mista entre percepção e projeção dos animais em suas obras, dividindo-os em partes distintas no que diz respeito ao gênero literário empregado e à espécie mais abordada pelos autores na sua trajetória, e mostrando que, além de recorrentes, possuem uma escolha seletiva, simbólica e distinta, dependendo de sua aplicação em um romance ou poesia.

Desafiando os paradigmas estabelecidos de uma narrativa unilateral e antropocêntrica, Maciel transcende os limites humanos de compreensão e apresenta

na sua pesquisa um dos mais novos passos na análise literária, em que o outro e o não humano passam a desempenhar um papel além do secundário antropomorfismo ou irrisória bestialidade do indivíduo humano, como muito foi pesquisado na área da literatura. O potencial transformador da perspectiva animal oferece ao leitor e aos estudiosos uma noção de coexistência interespecies mais amistosa no campo da análise literária e teoria da literatura, levando-nos a considerar os limites e suas ultrapassagens entre o humano e o animal na sua proposta de zooliteratura.

Dotada de uma ampla atuação nesse campo de pesquisa, Maria Esther Maciel tornou-se pioneira na união entre os estudos literários, teoria zoológica e ética ambiental, trazendo ainda com mais força para o mundo acadêmico a importância da transversalidade de estudos e comparações inusitadas que levam a novos resultados coerentes e impulsionam tais ações científicas.

A zooliteratura e os limites do humano

Antonio Candido define literatura como “uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (1972, p.803). Ou seja, pensa a literatura como algo estritamente humano, uma vez que, por ser composta de linguagem, sua organização lógica apenas ocorreria através de signos, algo que Maciel desafia ao propor zooliteratura enquanto um conceito. Animais, ainda que dotados das mais diversas habilidades, não possuem e nem mesmo produzem um sistema de signos verbais; assim não podem deter qualquer capacidade de entender a literatura. No entanto, é aqui que a autora avança para a sua segunda proposta: os limites do humano.

Utilizando seu sistema complexo de signos, os ditos humanos avançam os limites ao abarcar dentro de seu sistema as demais espécies, dando a elas voz, forma e os mais distintos traços que esses limites humanos possam permitir, isto é, atribuindo seus signos aos animais, ao transpor tais barreiras que deixam de existir com o uso preciso e extrapolado da linguagem. Com isso, o protagonismo dos seres fora do sistema de signos passa a ser exercido no campo literário, ainda que pela mão e voz de

uma única espécie regente, automeada antagonica e superior aos seres não humanos a partir do século XVII, com a consolidação do Racionalismo.

Partindo da intersecção perspica entre epistemologia, antropologia, biologia, filosofia política e da ética humana contemporânea, Esther Maciel passa a tecer um pano de fundo que ousa retirar o tão egocêntrico narcisismo humano de cena, colocando em âmbito paritário todas as formas de vida, retomando discussões básicas na tradição antiga e moderna agora inseridas em uma perspectiva irreverente e pós-moderna. A obra consegue reabrir e analisar as feridas narcísicas humanas de perto, estas que nunca cicatrizaram por completo, despertando novamente todo o temor do homem em não ser o centro do mundo, não ser muito mais que um animal e não ter o controle absoluto de seu inconsciente, fatos comprovados respectivamente por Copérnico, Darwin e Freud. Com isso, Maria Esther Maciel acrescenta à lista, através de sua pesquisa sobre zooliteratura, uma quarta grande ferida no imaginário antropocêntrico: o homem não é o único ser com subjetividade.

Graças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores, atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade que está dentro de nós. Ademais, vê-se que esses espaços de reflexão, hoje, não deixam de se ampliar a partir de influxos de áreas afins, como a ecocrítica, que expande a questão animal ao articulá-la às poéticas e narrativas da natureza, em sintonia com os estudos sobre o meio ambiente. (Maciel, 2023)

Campos zooliterários

De cães a baratas, Maciel reúne uma vasta gama de exemplos de como a zooliteratura pode ser encontrada no campo de textos publicados ao redor do mundo, no entanto cita especialmente as obras emblemáticas de autores brasileiros, dando um enfoque mais atento em relação ao melhor amigo do homem presente em Machado de Assis e Clarice Lispector, levando em consideração que os cães predominam a vida cotidiana da maior parte da espécie humana com sua presença e companheirismo.

Ao adentrar o imaginário dos autores através da análise literária e explorar a relação de suas representações literárias com o conteúdo expressado pelos seres não humanos, Maria Esther encontra uma série de elementos que apontam para uma variedade de subsídios que exprimem, na representação animal, sentimentos compartilhados entre a espécie humana, como o luto, o ódio, a violência, a

solidariedade e afins. O fato é que, para cada um dos autores, os animais servem como um canal para lugares distintos, dependendo da perspectiva e estilo do escritor, como é o caso machadiano em *Quincas Borba* (1891), que serve de artifício para exprimir a filosofia ficcional do autor com o Humanitismo, um paralelo do autor brasileiro à filosofia de Diógenes: o Cinismo. Não apenas Quincas Borba (cão) condensa em si a presença constante do falecido dono e sua filosofia, como também sintetiza parte do próprio cinismo ao compor a palavra, derivada de *kinos*, cão em grego, referência ao modo de vida dos adeptos que viviam como cães, exatamente como Quincas Borba (homem).

É instigante notar como a autora capta os pequenos detalhes de obras esporadicamente estudadas no campo literário e até mesmo em ambientes escolares, e desdobra nelas novos achados, antes imperceptíveis devido à visão ainda direcionada com olhos integralmente antropocêntricos e descolados de qualquer transposição para além da subjetividade e ação humana no *corpus* da literatura. Para além do autor realista, a pesquisadora atenta também a outras duas figuras emblemáticas na literatura brasileira, Clarice Lispector e Hilda Hilst, as quais destoam de Machado ao lançar mão dos animais como um canal humano, passando a utilizar sua presença na obra como uma maneira de expressão de sentimentos e estopim para paradoxos variados da identidade humana em contato com animais. Aqui é possível notar maior permeabilidade entre os limites das espécies, as quais se misturam e permitem mais trocas entre um ser e outro, como fica bem exemplificado no conto “O Búfalo”, de *Laços de Família* (1960).

Já em Hilda Hilst, os animais são muito mais uma maneira autoral e vultosa da escritora de se expressar através deles, uma vez que, para ela, a vida animal seria mais plenamente vivida que a humana, como exaltou em poemas na obra *Do Desejo* (1992) e deixou ainda mais marcado em uma crônica publicada em 1993, no *Correio Popular*.

As forças inibidoras — tabus instintivos — contra a morte ou os ferimentos graves causados a seres da mesma espécie são tão fortes na maioria dos animais — inclusive nos primatas — como os instintos da fome, do sexo ou do medo. O homem é o único (afora alguns controvertidos fenômenos observados entre ratos e formigas) a praticar a matança de seres de sua espécie, em escala individual e coletiva, de maneira espontânea ou organizada, por motivos

que variam desde os ciúmes sexuais até sofismas de doutrinas metafísicas. O permanente estado de guerra entre coirmãos é uma característica básica da índole humana.

Pássaros, cavalos, porcos, tigres, entre outros animais dos mais diferentes gêneros e classes, todos serviram como forma da autora expressar em sua poética a ânsia e bestialidade além das inibições humanas tão presente nos indivíduos. É através dessa experimentação sensorial descrita em suas obras que Hilda Hilst utiliza e assume esse lado inserido na animalidade, colocando a alteridade e perspectiva do bicho nas páginas e fabulações feitas por mãos humanas.

Contribuição

Questionar as concepções tradicionais e já tão enraizadas de um fazer do estudo literário não apenas é desafiador, como necessita de um embasamento e empenho que consiga transpor paradigmas estabelecidos de maneira engessada. No entanto, ao executar com esmero a junção de diversas áreas para a construção de um novo modo de olhar para literatura, Maria Esther Maciel estabeleceu uma inovação ao transpor os limites fronteiriços que, anteriormente, englobavam apenas o estudo do olhar humano e suas alteridades em obras literárias, nunca indo muito além das questões sociais, de gênero, de identidade concernentes apenas a uma única espécie tida como detentora dessa dimensão a respeito da subjetividade.

Além dos estudos literários, Maciel consegue avançar bons passos em direção a novas enunciações a respeito da valorização e ética animal, sem contar que se torna um expoente de peso para o pensar e fazer da vertente contemporânea do ecocentrismo. Sua elaboração preciosa da relação interespecies traz um olhar mais sensível e ponderado em relação a coexistência dos seres humanos e não humanos, não apenas enquanto viventes do ambiente em que se encontram, mas enquanto figuras que agem segundo sua perspectiva, subjetividade e detêm de um universo que vai além da antes estabelecida unidimensionalidade onde suas identidades e experiências seriam lidas, escritas e interpretadas a partir da nossa identidade humana.

REFERÊNCIAS

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023. 176 p.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p.

Caio Beck

Graduando da UFRGS